

RODRIGUEZ PANIZO, Pedro – *La herida esencial: Consideraciones de Teología Fundamental para una mistagogía*.

Madrid: San Pablo; Universidad Pontificia Comillas, 2013, 318 p.

Ainda nos recordamos da primeira vez que estivemos face a face com Pedro Panizo. Foi num almoço de celebração do fim do ano académico no Instituto de Espiritualidad da Universidad Pontificia Comillas. Dobrado sobre si mesmo como se a parte superior da coluna vertebral não suportasse o peso do enorme saber que já sabíamos bem que nele inabitava, arrastando os pés como se não tivesse força para os erguer mais do que uns milímetros do solo, olhos inquiridores e inquisidores colocados – pareceu-nos e talvez devido ao nosso ar macilento que, então, começava a assumir proporções inusuais – apenas sobre nós. Não trocámos muitas palavras senão para discordarmos, cordialmente, acerca do que *The New Jewish Encyclopedia* dizia sobre Paulo. A ocasião não se propiciava para mais do que isso, todavia este encontro marcou toda a nossa subsequente percepção deste Autor cuja mais recente obra estamos, presentemente, a começar a recensear.

Pedro Rodríguez Panizo (PRP) nasceu no ano de 1960. É sacerdote da Arquidiocese de Madrid, exercendo o seu ministério no município de Tres Cantos. Depois dos seus estudos iniciais em Teologia, e tendo sido assumido como discípulo por Juan Martín Velasco, acaba por doutorar-se, no ano de 1994, em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana com um estudo fenomenológico e teológico intitulado *El Encuentro*

entre el christianismo y las grandes religiones en la obra de R. C. Zaehner. Neste mesmo ano começa a lecionar na Universidad Pontificia Comillas, onde, na atualidade, ministra os cursos de Epistemologia Teológica, Teologia Fundamental, Fenomenologia da Mística Comparada e Teologia das Artes de Ficção.

A teologia fundamental vive de um pecado original originante: é a herdeira da apologética. Vive, ainda, um pecado original originado: recusando essa herança, ainda não sabe bem o que é, existindo numa espécie de singularidade teológica que atrai, com uma voracidade pouco discreta e sobre si, toda uma rede de conceitos e métodos básicos da teologia como um todo – revelação, tradição, fé, dogma, experiência, interpretação, etc. Quando redimida, sobretudo pela teologia dogmática e espiritual, destas realidades – que a fazem frequentemente enveredar por um diletantismo pedante –, ela acaba por poder e frequentemente, conquanto se mantenha dentro da teologia em si mesma, lograr articular aquela dita rede com distintas manifestações da mundividência coeva. E isto tendo como meta, sobretudo, estabelecer as fundações de racionalidade da fé e da teologia cristãs. Dito isto, talvez as duas vertentes do pecado original da teologia fundamental não existam e sejam apenas escotomas na visão de um teólogo espiritual que não vê, tantas

vezes quantas as que poderia, a realização da aduzida meta. É o mais provável e, assim, deixemos que em nós reverbere a injunção «*Medice cura te ipsum*». Seja como for e porque PRP é um verdadeiro teólogo, com esta sua obra estamos bem afastados daqueles eventualmente inexistentes problemas que apontámos.

Na realidade, o próprio título da obra – que, sem exagero algum, é toda uma obra de arte em si mesmo – revela que o Autor está bem consciente do que precisa de ser a teologia fundamental: uma reflexão sobre a articulação, essencialmente voltada para uma vivência e transmissão mistagógica, entre a dogmática como dimensão objetiva da espiritualidade e a espiritualidade enquanto dimensão da dogmática. Projeto ambicioso? Sem dúvida. E só ao alcance daqueles para quem a teologia não é uma profissão intermitente, mas, pelo contrário, um modo – alegre, sincero e exigente – de viver; um modo sob o selo de uma ferida, tantas e tantas vezes cantada agridoceamente pelos místicos, como imagem da visita, radicalmente transformante, do Deus-Amor ao homem – neste caso, também e certamente, ao Autor e àqueles que quiserem viver, a sério, o que ele nesta obra comunica. Uma visita em que «atravessando-o [o ser humano] de infinito e fazendo-o sair de si» (p. 11) faz com que o sujeito descubra que a verdade e a sua própria humanidade não são algo que ele possui ou (pior ainda) são possuídas pelo seu egoísmo. Não. Elas estão sempre à frente e para cima de si e, assim, só podem ser alcançadas por quem ousar enveredar pela empreitada de se deixar encontrar pelo Deus que também faz dos nossos agitados dias um tempo de, e da, graça. Tudo, quer na vida do ser humano, quer nesta obra, cheia de um cunho realisto-esperançoso, dimana desta constatação basilar que nós mesmos já deixamos patente em diversos

outros locais: se cada um de nós é *capax Dei*, isso deve-se ao facto de que Este é *capax homini* e a nós entrega, para que a cuidemos o melhor que nos for possível, a frágil e tremeluzente chama que aclara – no duplo, e até triplo, sentido comum desta palavra – o elo de ouro do nosso coração. Esse elo que, permitindo ver a Deus em todas as coisas e todas estas n'Aquele, deve ser anunciado, cuidado e falado, sem qualquer receio ou temor, nas nossas comunidades eclesiais, pois, se nelas os nossos contemporâneos não encontrarem quem dele fale, procurarão noutros locais quem o faça.

Esta obra é uma compilação de um conjunto, exteriormente desconexo mas interiormente ligado, não só pela mestria intelectual do Autor mas igualmente pela sua profunda vida cristã, de artigos de PRP concernentes à mistagogia enquanto condução, principalmente pelo Mistério (ajudado ou não por um guia espiritual e misticamente tarimbado), do sujeito até esse mesmo Mistério (que é o Deus-Amor). Talvez desde que, no séc. XX e principalmente devido a Karl Rahner, se reintroduziu o mencionado conceito de "mistagogia" no vocabulário católico, toda uma plethora de leituras erradas acerca do mesmo foram sendo veiculadas, sobretudo por quem foi desejando fazer dele uma ponte para uma mística tida ou como uma ponte sem distinções para as religiões orientais, ou como o fulcro para a criação do que poderia ser considerado como grupos de aristocracia espiritual dentro da Igreja Católica. O nosso Autor está bem ciente deste perigo e, ao longo dos onze capítulos desta obra – todos eles com títulos compostos por palavras que, tidas individualmente e em agregado, já são um substancial mapear do que é viver mistagógicamente de um modo consciente, coerente e exigente ("experiência", "mística", "beleza", "testemunho", "mistagogia", "poética",

"coragem", "tempo", etc.) –, contorna-o com mestria e desenvoltura.

O primeiro destes capítulos considera, desde uma perspectiva que poderíamos qualificar de contextual, o horizonte social, cultural e religioso-espiritual coevo; justamente aquele em que, por um lado, os cristãos não podem senão viver a sua fé e, por outro, a teologia a eles deve falar sem ser de um modo acético e «sem que se comova minimamente a entranha do [seu] ser» (p. 20). Embora empapada de uma mentalidade cientificista, adepta do vazio, do espetáculo e da "lágrima fácil" ante aqueles com quem nunca se terá de encontrar, esta é a matriz em que o sujeito terá de se deixar ser agraciado – umas vezes mais discretamente, outras vezes mais majestosamente. Não há, na verdade, outra matriz para se fazer a vivência da graça e, embora se possa desejar e tentar implementar uma conjetura diferente, enquanto a mesma não existe, não se pode permanecer inerte, antes se deve tentar ver através dela um caminho, por vezes através do deserto da indiferença contemporânea, cheio de potencialidades que podem fazer com que aquele que se entrega a tal caminhada seja alguém mais livre e mais amante.

De seguida, do segundo ao quarto capítulo, PRP apresenta um conjunto de reflexões de natureza mais abstrata, que, na nossa opinião, servem de fundamentação teórica para os derradeiros sete capítulos desta obra. Com efeito, naquéloutros e porventura numa linha demasiado fenomenológica que poderia em outras situações incorrer numa apreciação demasiado superficial dos temas tratados, o Autor debruça-se, em primeiro lugar e acompanhado por autores como Schleiermacher e Tillich, sobre a natureza da experiência religioso-espiritual traduzida, segundo o mesmo, mediante noções, indissociáveis de uma

vivência ética concreta que a impeça de derivar para o magicismo, como "maravilhoso", "fulgor", "alteridade", "sofrimento", etc.; depois, sobre aqueles que o Autor, baseado no seu mestre Juan Martín Velasco, considera os traços essenciais, da presença sempre inobjetivável do mistério (que não é um problema ou enigma) do Amor que Deus é, recordando-nos, embora evocando apenas Gerhard Ebeling e não um Gregório Magno que disse exatamente o mesmo mais de um milhar de anos antes, que o céu é justamente aquele qualquer lugar onde Deus Se encontra; e, por fim e no que a nós pessoalmente deixou sobrevir um real travo de insatisfação por não ter sido tão abrangente e criterioso quanto poderia (sobre tudo por ignorar o que alguns grandes místicos do séc. XX afirmaram), sobre o que algumas linhas de pensamento "teológico" contemporâneo (Moltmann, Balthasar, Leiner, Rahner, etc.) dizem acerca de uma mística – essa palavra que, infelizmente, cada vez mais usa sem saber minimamente o que é que ela traduz – que para ser verdadeira deve estar bem incarnada e com os olhos abertos. Por outras palavras: estes três capítulos buscam averiguar o núcleo da experiência (e, não obstante esse seja o termo usado por PRP, não tanto "experiência") religiosa no âmbito de uma relação, temática ou atemática, de um Deus que, sendo Amor transbordante, é e não pode ser senão Mistério, procurando, desse modo, escorar devidamente tudo o que a seguir será dito acerca de diversos *loci* significativos onde o ser humano dos nossos dias – o único com que nos iremos encontrar no presente – pode entrever oportunidades de se deixar encontrar por Deus.

Já no quinto capítulo, que de alguma forma funciona como charneira nesta obra – recolhendo os dados teóricos dos três precedentes e apontando para os elementos mais vivenciais dos seis

seguintes –, o Autor, de um modo que só podemos considerar exímio, elabora a sua fundamentação para a conveniência e, por tudo o que inclusive nesta recensão já dissemos, necessidade de um caminho propriamente mistagógico como meio de fazer frente às condições adversas que, no mundo contemporâneo, os crentes e os demais sujeitos encontram para ouvirem, e zelarem por, o pressentimento de Si que Deus coloca nos seus corações.

Daqui para a frente, e antes de um belíssimo epílogo que recorda que o objetivo desta obra é o de ajudar a que se descubra o centro capital da vivência cristã, somos colocados, tal como já se disse, ante um conjunto de textos sobre algumas (e, assim, não todas, na opinião do próprio Autor, que deixa em aberto a possibilidade de eventualmente alargar as mesmas no futuro) realidades que PRP advoga como sendo capazes de levar o sujeito a interrogar-se – nesse *leitmotif* já tão gasto em alguns quadran-tes teológicos e espirituais que, neles, já pouco mais é do que um *blind motif* incôncio – pelo sentido e depois, ou ao mesmo tempo, pelo valor e significado da vivência religiosa. Em concreto: o resplendor da beleza; a contemplação da natureza (tida por PRP como uma genuína mestra da fenomenologia teológica); a expressão poética que leva a que se chorem lágrimas de alegria e de tristeza por através dela se poder falar com os vivíssimos; a vivência ética (e não tanto moral), corajosa ante os medos e ansiedades que o mundano coloca à nossa frente; o bom e dignificante uso dos tempos de descanso que podem educar para a gratuidade e o não pragmatismo tão ignorados nos nossos dias; e, por fim, o testemunho cristão como

forma de convidar os demais, que o desconhecem ou conhecem mal, a desejar contactar com um Evangelho vivido na comunhão, na liturgia e no serviço.

Escrito com singular clareza – que a nós suscita uma, talvez não sã ou santa, inveja –, mestria exemplar e argumentos sustentados de modo fascinante, esta obra é um precioso instrumento para quem se interessa por um tema tão importante como aquele que nela é tratado. Baseado, e explicitamente reconhecendo disso mediante a referência oportuna e crítica aos mesmos, em inúmeros autores clássicos e contemporâneos das mais distintas áreas do pensamento e da cultura, não é possível deixar de louvar, com toda a liberalidade e sinceridade, o Autor e as editoras desta obra. Com ela, a teologia em geral – e a espiritual e a fundamental em particular – fica mais rica, e mais rica ainda poderá ficar se PRP levar mais adiante o que aqui começou. Saber, disponibilidade, credibilidade e capacidade não lhe faltam. De modo algum. Todos nós que, como crentes (ou não), nos damos conta, com alegria e (ou) apreensão e na densidade do pressentimento que forma dúvidas ou certezas acerca de Deus, de que vivemos num orbe em profunda aceleração, impossível de governar e gerir, mesmo na sua a nós mais próxima dimensão religiosa; de que vivemos num mundo que acorda todos os dias com os pés de fora de uma cama que, durante a noite, se vai tornando progressivamente mais pequena; de que vivemos num tempo em que o que era suficiente ontem torna-se, demasiado depressa, ultrapassado hoje, e o amanhã, esse, já aí está ao virar do globo para no-lo convidar a esquecer; todos nós – dizíamos – só podemos esperar por essa sequelela.

Alexandre Freire Duarte